

PRIMEIRA LINHA **COVID-19**

O desejo de reabrir a economia e o medo de uma nova vaga

São vários os países europeus que começaram ou estão prestes a aliviar as restrições. Esta estratégia exige um rigoroso acompanhamento e a consciência de que poderá ser necessário dar novo passo atrás, alertam especialistas.

PEDRO CURVELO

pedrocurvelo@negocios.pt

Numa altura em que vários países começaram a aliviar as restrições decretadas devido à pandemia, os especialistas ouvidos pelo Negócios alertam para os riscos de se avançar demasiado depressa. Vários dos países que já decidiram ensaiar um “regresso à normalidade” ainda não superaram o pico da epidemia.

Na Europa, apenas a Alemanha, Áustria, Islândia e Suíça apresentam uma tendência decrescente acentuada no número de casos ativos. Já a Dinamarca e a República Checa, que iniciaram o alívio das medidas, estão ainda numa fase inicial da trajetória descendente. E na Noruega, que declarou a pandemia como controlada, os casos ativos continuam a aumentar.

“O retomar de alguma atividade económica – que é necessário – acarreta riscos de se assistir a um novo aumento exponencial no número de casos”, assinala Ricardo Mexia, presidente da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública. E, acrescenta, as autoridades destes países poderão ser obrigadas a ter de dar “passos atrás” e retomar medidas mais rigorosas. “Há um risco de que este alívio das me-

didias seja intermitente”, admite.

O especialista nota ainda que “as repercussões do alívio das restrições demoram algum tempo até serem visíveis nos dados sobre novos casos”. E, frisa, é essencial uma “monitorização muito próxima para antecipar eventuais pressões acrescidas sobre os sistemas de saúde”. E há os exemplos do Japão, que tinha afrouxado as medidas e agora declarou o estado de emergência.

Portugal tem “a vantagem de ter outros países à frente, que avançam primeiro para este abrandamento nas restrições – porque o

Luís Graça, investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM), diz “perceber” as pressões para o retomar da atividade económica, mas sublinha que as medidas de contenção permitiram baixar significativamente a taxa de transmissão (R0), que indica o número de pessoas que cada portador do vírus infeta. “Sem medidas de transmissão, os estudos indicam que a taxa de transmissão seja de 2 a 3, o que se traduz num crescimento exponencial dos casos”, assinala.

De acordo com a diretora-geral da Saúde, Graça Freitas, a taxa de transmissão em Portugal “está perto de 1, com pequenas variações regionais”. Graça Freitas disse esta quinta-feira que “houve um país [a Noruega] que decidiu que, quando o R0 fosse 0,7, estaria na altura de descomprimir as medidas”. A responsável defende, como Ricardo Mexia, que “a grande vantagem, em Portugal, é que começámos o período epidémico mais tarde, pelo que vamos acompanhar diferentes critérios de diferentes países para vermos qual se adapta à nossa realidade”.

Idade não é o fator mais relevante nas mortes

Ao Negócios, Luís Graça salienta que, apesar de a taxa de letalidade – mortes por número de casos confirmados – ser bastante mais



Há um risco de que este alívio das medidas [de confinamento] seja intermitente.

RICARDO MEXIA

Presidente da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública
surto chegou lá mais cedo – e que podem dar indicações preciosas sobre o impacto dessa decisão”, acrescenta Ricardo Mexia.

De olhos postos na taxa de transmissão

elevada na população mais velha, “em todos os grupos etários a maioria dos infetados sobrevive”.

O investigador, aliás, defende que “a idade não é o fator mais relevante para a letalidade. Influenciam mais as condições médicas preexistentes”. “Mesmo na faixa etária acima dos 70 anos, praticamente todas as pessoas sem grandes problemas de saúde preexistentes recuperam”, reforça. “Claro que são um grupo de risco, até porque normalmente têm mais condições médicas preexistentes, mas muitos recuperam”, conclui.

A parte oculta do icebergue



A idade não é o fator mais relevante para a letalidade (...) são as condições médicas preexistentes.

LUÍS GRAÇA

Investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM)

Esta quinta-feira as autoridades de saúde holandesas revelaram que a análise aos dadores de sangue indicou que cerca de 3% apresentavam

anticorpos da covid-19. Ou seja, mesmo sem apresentar sintomas (assintomáticos) estiveram infetados.

Extrapolando para a população holandesa – cerca de 17,3 milhões –, o número de infetados no país desde o início da pandemia seria de aproximadamente 520 mil, quase 18 vezes os casos confirmados.

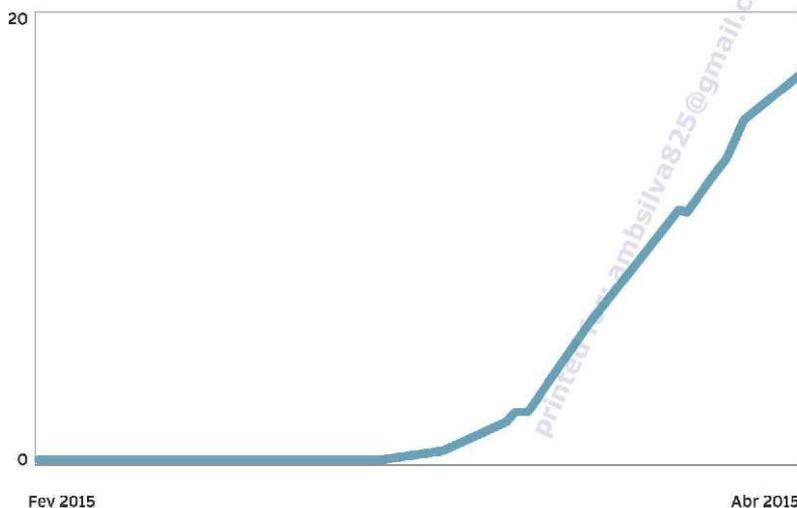
Luís Graça nota que os estudos internacionais apontam para a chamada “imunidade de grupo” requerer que 60 a 70% da população possua anticorpos. Assim, resume, “mesmo com essa indicação da Holanda, o valor está ainda muito distante do necessário”. ■

PAÍSES EM BUSCA DO PICO “MÁGICO” DA PANDEMIA

PORTUGAL AINDA NA FASE ASCENDENTE

Evolução dos casos ativos de covid-19

Apesar de não ter registado uma “explosão” no número de casos, Portugal ainda se encontra na fase ascendente nos casos ativos, que são um indicador importante para a pressão sobre o sistema de saúde. Certo é que o pico do surto ainda não foi atingido. Ainda assim, Portugal apresenta uma taxa de letalidade baixa face à maioria dos pares europeus.

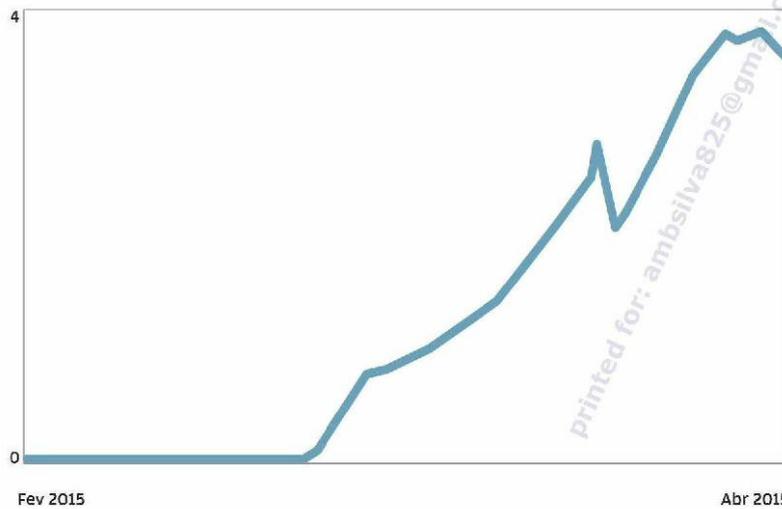


Fonte: Worldometers

DINAMARCA ESTÁ NO INÍCIO DO “PLANALTO”

Evolução dos casos ativos de covid-19

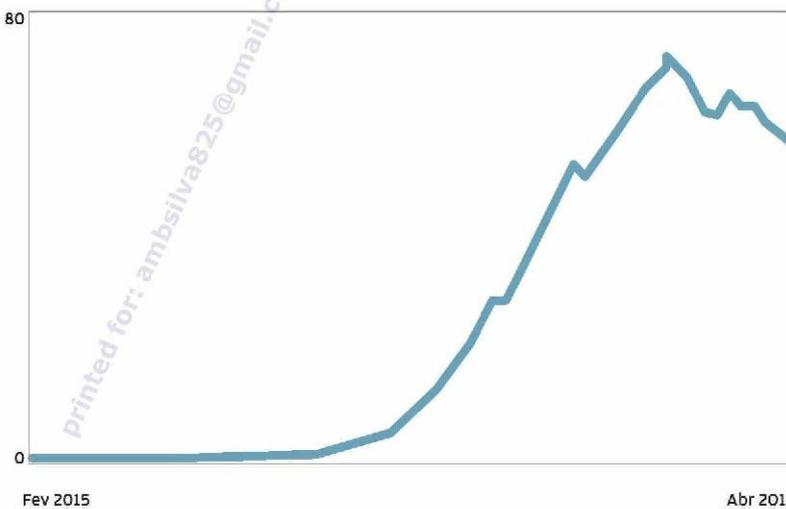
Mesmo sendo um dos países que já começou a aliviar as restrições, a Dinamarca encontra-se na fase inicial da inversão da curva. E o país nórdico regista uma taxa de letalidade de 4,7%, superior à portuguesa (3,3%). Acresce que a Dinamarca tem um rácio de 14,2 testes por mil habitantes, um valor menor que o de Portugal, que se cifra em 20,4.



ALEMANHA COM DESCIDA SUAVE

Evolução dos casos ativos de covid-19

A Alemanha parece ter atingido o pico da pandemia a 6 de abril e tem vindo a reduzir gradualmente o número de casos ativos. A chanceler Angela Merkel vai permitir a abertura de algumas lojas na próxima semana e o regresso dos alunos às escolas a 4 de maio. O país é o quinto com mais casos mas com uma taxa de letalidade baixa, de apenas 2,8%.



Fonte: Worldometers